



Não julgue... somente compreenda A Comunhão Anglicana e a sexualidade humana

*Assim que não nos julguemos mais uns aos outros;
antes seja o vosso propósito não por tropeço ou
escândalo ao irmão.*

*Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus,
que nenhuma coisa é de si mesma imunda,
a não ser para aquele que a tem por imunda;
para esse é imunda.
(Romanos 14,13-14)*

*Pedro Triana**

Introdução

Desde Lambeth-1888, com o início das discussões sobre a poligamia, a sexualidade humana tem sido até agora um ponto de debate nas Conferências de Lambeth. Contudo, começando com a resolução sobre a homossexualidade de Lambeth 1998, a qual categoricamente refere-se a esta orientação sexual como “incompatível com as Escrituras”, posteriormente a nomeação de Jeffrey John como Bispo de Reading na Inglaterra, a eleição e sagração de Gene Robinson como Bispo de New Hampshire, nos Estados Unidos; e recentemente as declarações da 74a Convenção Geral da Igreja Episcopal nos Estados Unidos de América e do Sínodo Geral da Igreja Anglicana de Canadá 2004, que vêm com bons olhos ou aprova a benção de uniões de pessoas do mesmo sexo, tem aparecido diversas opiniões que ameaçam a própria integridade do anglicanismo. Sem dúvidas, nunca antes a Comunhão Anglicana havia estado envolvida num debate tão acalorado como esse da sexualidade humana.

A partir da minha posição de biblista, anglicano e cubano, pretendo oferecer algumas reflexões, avaliações e aportes muito pessoais, dentro do espírito de diversidade e compreensibilidade que historicamente tem caracterizado o anglicanismo. Estes aportes encaminham-se nas linhas ética, pastoral, e na valoração eclesiológica. Destaco o eclesiológico, porque sem medo de errar, o debate sobre a orientação sexual no anglicanismo tem ido muito além das simples discussões e causa divisões internas em algumas Províncias, além de recriminações e ameaças de excomunhão de algumas Províncias contra outras. Sem dúvidas, se não se chegarmos a um consenso poderia acontecer a própria desintegração de nossa Comunhão. Portanto, gostaria na minha reflexão

* Doutor em Ciências da Religião e clérigo da Diocese Anglicana de São Paulo (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil).

chamar a atenção sobre as lições que, como anglicanos, mas particularmente como cristãos no começo do século XXI, deveríamos tirar de todo esse debate.

Bíblia, tradição e razão

Não pretendo repetir tudo o que já tem sido produzido em termos de estudos hermenêuticos e bíblicos, ou teológicos, ou psicológicos, ou clínicos, ou culturais, sobre a temática da orientação sexual. Todos esses estudos têm amplamente estabelecido que a homossexualidade não é pecado, crime ou doença.¹ Mas como tudo esse debate tem sido legitimado sobre bases bíblicas, gostaria, a partir da minha posição de teólogo e biblista, de destacar alguns aspetos hermenêuticos.

As declarações oficiais do anglicanismo estabelecem que:

“As Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento [são] a Palavra revelada de Deus”.

Enquanto inspiradas por Deus, a Bíblia é *“o último critério de seus ensinamentos e a principal fonte de guia para sua vida”.*

E, além disso, que *“as Sagradas Escrituras contêm todas as coisas necessárias para a salvação”* e que constituem *“a norma e critério final para a fé”*.²

Certamente todas estas afirmações e declarações têm que ser vistas, também, à luz das formulações de Richard Hooker, considerado uns dos maiores teólogos anglicanos de todos os tempos. Hooker coloca como uns dos pilares do pensamento teológico anglicano: *As Escrituras, a Razão e a Tradição*.

Mas apesar de que o anglicanismo ter sempre considerado a Bíblia como central, nunca expressou ou definiu claramente o caráter e função de sua autoridade. Deve-se isto a que o anglicanismo quando mantém que os credos *“podem ser provados pelas Escrituras”* (Artigo VII dos Artigos de Religião) e que a Igreja *“tem poder para decretar ritos e cerimônias e ser autoridade em controvérsias de fé sempre que não se afastem do estabelecido pela Palavra escrita de Deus”* (Artigo XX), se afasta da *Sola Scriptura* dos mais rigorosos reformadores, introduzindo a Tradição como medida de qualificação e critério. E a introdução da Tradição como critério hermenêutico faz que a prática da Igreja (tradição) possa influir em como as Escrituras em si mesmas foram e devem ser lidas. Finalmente, entra no processo interpretativo outro pilar anunciado por Hooker, a Razão, que conduzida pelo Espírito Santo, não pode ser excluída do processo.

¹ Veja o trabalho de John Boswell, *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality – Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*, The University of Chicago Press, Chicago and London, 1980; também o livro de Daniel A. Helminiak, *Lo que la Biblia realmente dice sobre la homosexualidad*, Editorial EGALES, Barcelona/Madrid, 2003, (original em Inglês *What the Bible really says about homosexuality*, Alamo Square Press, San Francisco, 1994); também a coleção de artigos editados por James B. Nelson y Sandra P. Longfellow, no livro, *La sexualidad y lo sagrado*, Desclée De Brouwer, Bilbao, 1996.

² “O Quadrilátero de Chicago” de 1886; “Declarações de Fé e ordem de 1949 da Convenção Geral de Igreja Episcopal nos Estados Unidos de América; artigo IV de “Os Artigos da Religião”; e finalmente “O Quadrilátero de Lambeth de 1888.

Com base nos princípios hermenêuticos expressos anteriormente, gostaria enfatizar, quando vemos o uso, ou melhor, o mau uso das Escrituras para legitimar as marginalizações, a exclusão e a condenação das pessoas de orientação homossexual, que não podemos usar a Bíblia como um livro de perguntas e respostas para nosso próprio tempo, ou como livro de receitas éticas e morais.

A Bíblia, escreveu o grande pregador norte-americano Phillips Brook, “*é como um telescópio*”. Se olharmos através do telescópio contemplamos o mundo através dele, mas se olhamos o telescópio, somente vemos o telescópio. Por isso devemos olhar através da Bíblia para ver o que está além dela mesma. Mas quando apenas olhamos o telescópio somente temos letra morta. Esse grande pregador que dar destaque ao fato de que a Bíblia não é um código escrito que mata, mas um veículo do Espírito que dá vida. (2 Cor 3,6); a Bíblia é para ser olhada através e além dela mesma. Por isso a Bíblia sempre tem que ser interpretada através da tradição, da razão e da experiência cristã antes que seja conhecida como revelação.

Algumas aproximações hermenêuticas pensam que há somente três perguntas que podemos fazer a um texto: Aconteceu? E se aconteceu, como aconteceu? E também, o que significa? No entanto, como muito bem foi dito por William Temple, as perguntas históricas, ainda que não sejam irrelevantes poderiam nos levar a perder o verdadeiro propósito teológico que está escondido detrás de um texto.³

Por outro lado, a melhor pergunta sobre a Bíblia não é “o que é a Bíblia?” e sim, “o que não é a Bíblia?”, e ante esta última pergunta devemos dizer que a Bíblia:

- a) *Não é um livro de biografias* –no sentido atual do termo- dos personagens históricos mais importantes do povo de Israel e dos primeiros cristãos, mas oferece-nos dados dos personagens mais importantes da fé judaico-cristã que somente podemos encontrar entre suas páginas;
- b) *não é um tratado de ciências naturais e leis físicas*, que tenta explicar as teorias da origem do mundo e das instituições sociais, mas oferece-nos a visão do cosmos e dos seres humanos que tinham as pessoas que escreveram os livros;
- c) *não é um manual de história*, tal e como nós entendemos a história atualmente, mas dá-nos a conhecer acontecimentos da história de Israel, do movimento de Jesus e da Igreja que, em muitas ocasiões somente podemos conhecer através dela;
- d) *não é um tratado de ética e moral* com validade para todas as épocas e lugares, porque as colocações éticas e morais encontram-se no ambiente de uma cultura patriarcal, onde, aliás, as leis de pureza são determinantes. Por acaso mataríamos hoje a nosso filho ou a nossa filha porque foram repetidamente desobedientes e não respeitam seu pai e sua mãe, como fica estabelecido em Deuteronômio 21,18-21?

Por isso temos hoje que dar-lhe um grande valor no processo de interpretação às informações fornecidas por outras ciências como a arqueologia, a sociologia, a história da literatura, a economia, a psicologia, e as ciências empíricas em geral. Porque os escritores

³ Frederichk Houk Borsch, “All Things Necessary to Salvation”, en, *Anglicanism and the Bible*, Morehouse Barlow, Wilton, Connecticut, 1984, p.211.

bíblicos viveram em um mundo muito diferente ao nosso, e por isso os horizontes são diferentes. Separam-nos culturas e concepções éticas e morais diferentes. Portanto, é necessário reconhecer que devido à distância dos séculos, os escritores bíblicos não pensaram em termos semelhantes aos nossos, nem fizeram as mesmas perguntas que hoje nós fazemos. No caso particular da sexualidade humana, as Escrituras não se encaminham a responder as perguntas que atualmente nós fazemos sobre ética sexual.

Damos destaque a tudo isto, porque acontece que a aproximação literal é a dominante na análise dos únicos cinco textos que expressam opiniões sobre o sexo entre homens⁴, e que são utilizados com o propósito de tentar “provar” que a homossexualidade é “oposta às Escrituras”. Porém, o melhor e mais atual na ciência bíblica contemporânea já tem amplamente estabelecido que as Escrituras “não se posicionam diretamente em relação à moralidade dos atos homo-genitais, nem das relações gays ou lesbianas como as entendemos em nossos dias”.⁵ De igual modo, a ciência bíblica tem estabelecido que nem sequer Jesus disse nada sobre a homossexualidade quando encontro uma pessoa (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10) que de acordo aos costumes da época, ao que todo indica, mantinha uma relação afetiva homossexual com seu escravo⁶. Em fim, a partir da ciência bíblica e da Razão como princípio hermenêutico, não podemos utilizar a Bíblia para condenar às pessoas de orientação homossexual.

Por outro lado, os estudos biológicos e psicológicos já têm estabelecido —e aqui também nos encontramos com o princípio hermenêutico da Razão— que as pessoas não “escolhem” ser homossexuais. Se o assunto fosse simplesmente escolher uma forma de expressão sexual, tal vez poder-se-ia pensar em uma aprovação ou condenação moral. Mas as pessoas não “escolhem” ser gays ou lesbianas. Elas “reconhece-se, ou” “descobrem que são” gays ou lesbianas. Já neste caso temos que considerar como assinala Richard Harries, outras partes da Bíblia onde vemos a atitude de Jesus para com as pessoas marginadas, excluídas e victimizadas da sua época. Afirma, também, o Bispo Harries, que as implicações disso para nossos dias é que tanto como cristãos heterossexuais como homossexuais devemos nos encontrar juntos no Corpo de Cristo, respeitando os pontos de vista dos outros e outras e reconhecendo nossa comum lealdade a Cristo, porque a Bíblia no se interpreta em um mundo atemporal e a-histórico. Devemos interpretar e aplicar a Bíblia em nosso próprio tempo, da mesma maneira que as pessoas que a escreveram fizeram para seu próprio tempo.⁷ Por isso, como também diz o professor de Novo Testamento norte-americano. L. William Countryman, “negar a todo um grupo de seres humanos o direito pacífico e não

⁴ Lv 18,22 y 20,13; Rm 1,27; 1 Cor 6,9 y 1 Tm 1,10. Ainda que muitas vezes pretendeu-se utilizar também o texto de Sodoma e Gomorra (Gen 19), neste texto, ainda interpretado literalmente, refere-se ao sexo com “anjos”, “mensageiros” de Deus. Por outro lado, não existe um só texto bíblico que fale expressamente do sexo entre mulheres.

⁵ Daniel A. Helminiak, *Lo que la Biblia realmente dice sobre la homosexualidad*, Op. cit., p.237. Veja, também a bibliografía da nota 1.

⁶ Veja-se a interpretação que Daniel A.Helminiak faz da cura do escravo do centurião em, *Lo que la Biblia realmente dice sobre la homosexualidad*, Op. cit., p.227-231.

⁷ Rt.Revd.Richard Harries, “Presentation on Human Secuality Anglican Consultative Council X, Panamá City, 1996”, em: *Being Anglican in the Third Millenium*, compiled by James M.Rosenthal and Nicola Currie, Morehouse Publishing, USA, 1997, p.61.

prejudicial para as outras pessoas, de tentar alcançar o tipo de sexualidade que corresponde a sua natureza é uma perversão do evangelho”⁸.

Preconceito, intolerância e discriminação

Durante muitos séculos a atitude das igrejas no que diz respeito à sexualidade humana foi negativa. Em termos gerais o sexo tem sido compreendido como a forma de procriar, mas não como uma fonte de prazer. Porém, hoje se entende que podemos usar nossa sexualidade sem pensar na reprodução. Também a sexualidade não é somente e necessariamente o ato sexual. Por isso, as igrejas têm sido acusadas de serem obscurantistas e repressoras da sexualidade. Ainda que esta afirmação possa parecer exagerada, nem sempre as pessoas que assim se expressam estão completamente erradas. Para alguns a única maneira de pecar é através dos órgãos genitais⁹. Mas não é um exagero acusar as igrejas de serem obscurantistas e repressoras da sexualidade, porque, na prática, e sem dúvidas, nas discussões sobre a orientação sexual, a Igreja tem sido a principal instituição que até hoje legitima a discriminação contra as pessoas de orientação homossexual.

Abel Sierra Madero, pesquisador da Fundação Fernando Ortiz, quando reflete sobre a homofobia na cultura cubana afirma:

Quando aprendamos a identificar e reconhecer socialmente a essas pessoas, começaremos a reconhecer também as atitudes homofóbicas e discriminatórias que têm marcado nosso passado histórico. Nossa ‘nação assexuada’ tem tentado excluir aos homossexuais. Mas acontece que uma nação não se deve construir sobre a base da segregação, da exclusão e da discriminação, pois estaria condenada ao fracasso.¹⁰

Quando vemos essas reflexões que partem do mundo secular, que luta com um problema – complexo, com espinhos e ainda não resolvido, por acaso não temos esquecido a atitude do próprio Jesus para com os discriminados, excluídos e marginalizados da sua época? Certamente, como tem afirmado o Bispo John S. Spong, “a Igreja não pode reclamar ser Corpo de Cristo senão pode as boas vindas a todas as pessoas as quais o próprio Jesus daria as boas vindas”¹¹.

Por isso é um fato lamentável e alarmante, pelos princípios discriminadores e excludentes que acompanham os debates, que se tenha desatado todo um “escândalo” a partir das discussões sobre a orientação sexual na Comunhão Anglicana. Muitos nos perguntamos, por que não se reage com a mesma energia contra os grandes problemas que ameaçam nosso mundo? Por que não há em nossa Comunhão uma reação global e com a mesma força com a que se focaliza o assunto da orientação sexual, contra o genocídio que se faz

⁸ L. William Countryman, “Ética sexual del Nuevo Testamento y mundo actual”, em, *La sexualidad y lo sagrado*, Op. cit., p.73.

⁹ Jorge A. León. *Apuntes para una teología de la sexualidad*, Psicopastoral, CristianNet.com, 2001.

¹⁰ Abel Sierra Madero, “La policía del sexo – La homofobia durante el siglo XIX en Cuba”, en: *Sexología y Sociedad*, La Habana, Año 9, No.21, Abril de 2003.

¹¹ John S. Spong. Prólogo ao livro de Daniel A. Helminiak, *Lo que la Biblia realmente dice sobre la homosexualidad*, Editorial EGALES, Barcelona/Madrid, 2003. (versão original em inglês, *What the Bible really says about homosexuality*, Alamo Square Press, San Francisco, CA, 1994.

contra o Afeganistão, o Iraque, e contra o povo Palestino? Por que não reagimos com a mesma força contra o terrorismo de Estado, os problemas da paz e da violência generalizada, a globalização neoliberal, e a destruição constante e sistemática de nosso ecossistema, que compromete a vida das futuras gerações.

Retomando as idéias de um clérigo de nossa Igreja Episcopal de Cuba, o Cônego Odén Marichal, poderíamos dizer que os pobres –sejam heterossexuais ou homossexuais- não têm tempo para discutir, nem estão interessados em discutir, as condutas sexuais das pessoas, nem se importam com seu sexo, porque estão envolvidos completamente na luta pela sobrevivência: o que comer, onde viver, onde trabalhar, como vestir, como educar os filhos e as filhas, como curar a família. ? Perguntaríamos aos que estão lutando para dar de comer aos famintos ou de beber aos sedentos ou vestir aos que estão sem roupas, se são homossexuais ou heterossexuais? ¹²

Sendo anglicanos...?

Todo esse debate tem fortes e profundas implicações eclesiológicas, porque tem muito a ver com o “ser anglicano”, ou o chamado “espírito do anglicanismo”. Por isso, considero, também, que o que hoje ameaça mais o anglicanismo e sua pertinência e relevância como parte da Igreja de Jesus Cristo, não é se são ordenados presbíteros e diáconos, gays ou lésbicas, porque sempre foram ordenados, -o que até o momento não se dizia e se ocultava pelo temor da repressão e da marginalidade- senão que os enfoques, as interpretações e a aproximações éticas, bíblicas e teológicas ao problema, deixam ver que o perigo real é uma afirmação da intolerância, dos preconceitos, e das posições conservadoras dentro de nossa Comunhão e, conseqüentemente, uma perda crescente do espírito inclusivo e liberal que historicamente tem caracterizado ao anglicanismo.

Quando afirmo que escrevo estes aportes a partir do espírito de diversidade e de compreensibilidade que historicamente tem caracterizado o “ser anglicano”, quero significar a pluralidade e a diversidade como uma unidade de fé e adoração, já reafirmada em Lambeth-1968, no meio das controvérsias sobre a ordenação de mulheres, e da compreensibilidade, também definida em Lambeth-1968 como uma atitude que os anglicanos têm aprendido através de todas as controvérsias de sua historia e que demanda compromisso no fundamental e desacordo tolerante naquelas coisas que podemos divergir sem a necessidade de quebrar a comunhão. Essa compreensibilidade não significa necessariamente comprometimento, mas que implica que a apreensão da verdade é algo crescente, e que só poderemos “conhecer a verdade” gradualmente ¹³.

Se fizermos um balanço do debate sobre a sexualidade em nossa Comunhão, veremos que desde Lambeth-1888 este tem sido um ponto de discussão e conflito. A poligamia, o divorcio, o controle da natalidade, as relações sexuais pré-matrimoniais e o abuso sexual, têm sido temas de debate e discussões acirradas, assim como de posições divergentes. Mas,

¹² Odén Marichal, Reitor da Paróquia Episcopal de “Fieles a Jesús”, Matanzas, Cuba e Professor no Seminário Evangélico de Teologia de Matanzas, Cuba, *“La sexualidad humana en la Comunión Anglicana – Abriendo la Caja de Pandora en torno a un debate”*. (Distribuído eletronicamente).

¹³ *The Lambeth Conference 1968*, S.P.C.K.and Seabury Press, London and New York, 1968.

como já foi dito, nunca antes as discussões sobre a sexualidade humana no anglicanismo haviam tropeçado com uma questão tão polarizadora como no caso do debate sobre a orientação sexual.

Este assunto apareceu pela primeira vez em Lambeth-1978. A declaração desta Conferência estabelece a necessidade de um estudo profundo e desapassionado das questões da homossexualidade, que tome seriamente tanto os ensinamentos das Escrituras como os resultados das investigações científicas e médicas. Anima também Lambeth-1978 ao interesse pastoral e ao diálogo para com as pessoas de orientação homossexual. Com relação ao debate sobre a orientação sexual Lambeth-1978 assinalou:

Hoje não se espera que todos se conformem a uma norma –uma espécie de qualidade média do ser humano– senão que se regozijem na diversidade. Assim, o status e os direitos dos homossexuais estão sendo reconsiderados.

A homossexualidade é poucas vezes entendida tanto pela Igreja como pela sociedade. Apesar de muitas investigações, há uma grande diversidade acerca de sua natureza e causa. Algumas pessoas ainda a consideram uma distorção da sexualidade. Mas a maioria dos homossexuais afirmam que são normais. Eles e elas não pedem simpatia, senão que seja reconhecido o fato de que suas relações homossexuais podem expressar amor mútuo e próprio para as pessoas envolvidas na relação, da mesma maneira que entre os heterossexuais. Porém, a maioria dos cristãos não concordam com essa posição. Contudo, afirmamos que não haverá uma compreensão adequada da sexualidade, tanto na sociedade como um todo, como entre os cristãos, até que seja abordada a questão sem preconceitos e com compaixão. As questões relacionadas com a homossexualidade são reconhecidamente complexas e observamos que estão sendo objeto de estudos sérios em algumas partes da Comunhão Anglicana.

É responsabilidade de cada uma das igrejas locais se converterem em comunidades afetuosas, centradas em Cristo e na Eucaristia, para que cada temperamento e cada tendência encontrem sua verdadeira unidade e comunhão dentro da família total de Cristo, onde todos e todas são pecadores e pecadoras, mas onde todos e todas podem encontrar a graça e o perdão de Cristo na sua Comunidade acolhedora¹⁴.

Lambeth-1988 reafirma no fundamental a declaração de Lambeth-1978, mas reconhece, também, que há muita confusão no que diz respeito à sexualidade humana, e chama a atenção para que se desenvolva um estudo mais abrangente sobre o assunto. Também exorta a considerar os fatores socioculturais que poderiam conduzir a diferentes atitudes nas províncias da Comunhão Anglicana. Além disso, volta a manifestar o interesse no cuidado pastoral das pessoas de orientação homossexual.

Uma comparação entre Lambeth-1978 e 1988 nos levaria a reconhecer que ambas tratam o assunto com realismo, cautela e sensibilidade pastoral e, certamente, dentro do espírito anglicano de compreensibilidade, tolerância e respeito pela diversidade. As Conferências de Lambeth-1978, e 1988 não arriscam juízos precipitados ou absolutos. Situam o tratamento do tema da orientação sexual dentro do espírito anglicano de aproximação das questões em discussão utilizando dialeticamente, ou seja, em inter-relação, as Escrituras, a Razão e a Tradição.

¹⁴ *The Lambeth Conference 1978*. S.P.C.K., London, p.64-65.

Por um lado, em Lambeth-1978 e 1988 não vemos uma leitura descontextualizada das Escrituras. Simplesmente se faz um apelo a tomar seriamente seus ensinamentos. Por outro lado, falam de levar em conta a Tradição, quando solicitam um estudo profundo e atual, e quando consideram importante os aspectos socioculturais, como se tinha feito anteriormente, com assuntos como a poligamia, o divórcio, e as relações pré-maritais. Além disso, exortam a levar em conta a Razão nas duas Conferências se manifesta a necessidade de considerar as investigações biológicas, genéticas e psicológicas. Contudo, com Richard Harries temos que dizer que uma das principais críticas que deve ser feita aos documentos da Igreja sobre o particular é que sempre referem-se às pessoas de orientação homossexual como “eles” e “elas”, como “os outros” e “as outras”, ou “os estranhos”, “as estranhas”. Como se cristãos e cristãs heterossexuais ou homossexuais não foram juntos Corpo de Cristo, chamados e chamadas a se respeitarem mutuamente os pontos de vista de uns e outros, dentro do espírito cristão de amor e fraternidade ¹⁵.

Porém, na Conferência de Lambeth-1998 a discussão sobre a orientação sexual toma outro espírito. Em minha opinião, a declaração sobre a homossexualidade de Lambeth-1998, quando afirma “*que as práticas homossexuais são incompatíveis com as Escrituras*”, e “*não aconselham a ordenação de aquelas pessoas que participem de uniões de um mesmo sexo*”, se afasta completamente do espírito mesurado, sensato, compreensivo, pastoral e aberto ao diálogo das duas Conferências anteriores.

Lambeth-1998 já não chama ao estudo sério das Escrituras, nem a considerar os estudos biológicos, psicológicos e genéticos, nem a levar em conta os fatores culturais, nem continuar os estudos do assunto nas diferentes províncias da Comunhão. Em Lambeth-1998 as Escrituras são descontextualizadas e não são usadas, e sim “mal usadas” para justificar a exclusão e a marginalidade, neste caso, das pessoas homossexuais, utilizando textos tirados de seu contexto cultural e religioso, dando as costas e fingindo não ouvir o melhor e mais atual dos princípios hermenêuticos da ciência bíblica contemporânea. Mas essa falsa e errada aproximação das Escrituras –fundamentalista, conservadora e literalista– é altamente perigosa, porque poderia ser utilizada também hoje para justificar outras exclusões e marginalidades, como por exemplo, a marginalização das mulheres, -se são tomados certos textos paulinos tirados de seu contexto- e contribuir sobretudo, para legitimar os falsos messianismos políticos, que utilizando um disfarce religioso, ameaçam a paz e a fraternidade inter-humanas. A meu ver, a Conferência de Lambeth-1998 parece fazer-nos voltar aos tempos quando eram usados textos bíblicos isolados para justificar a exploração de nossos indígenas americanos, ou para justificar a escravidão dos milhares de pessoas negras que foram desarraigados de seus lares africanos para construir as riquezas dos colonizadores.

Também em Lambeth-1998, quando discute a temática da homossexualidade, não vemos já o tradicional apelo anglicano à Tradição e muito menos à Razão. Não há mais compreensibilidade, não há mais respeito à diversidade, não há mais respeito pela pluralidade cultural da nossa Comunhão. Já não há mais nada a ser discutido, já não há

¹⁵ Rt.Revd.Richard Harries, “Presentation on Human Secuality Anglican Consultative Council X, Panamá City, 1996”, Op. cit., p.55-66.

nada a ser estudado - tudo já está dito. Lambeth-1998 clausura dogmaticamente qualquer estudo sobre o particular e fecha o diálogo. E caberia a nós perguntarmos: essa atitude é coerente com o espírito cristão e anglicano?

E quando fazemos um balanço de Lambeth-1998 certamente poderíamos também perguntar: O que está ficando de uma igreja que tem sido reconhecida como “a Igreja ampla” (broad church), “a casa mais espaçosa e a Igreja mais flexível na Cristandade”, “a Igreja da integração e a reconciliação”. O que tem ficado da “mutua responsabilidade e interdependência no Corpo de Cristo”, proclamada no Congresso Anglicano de Toronto, (1963), que afirma a missão da Igreja ao mundo a partir da nossa pluralidade e diversidade cultural? E isso, em minha opinião tem sido o mais lamentável, e constitui o verdadeiro perigo para nossa Comunhão, porque dessa maneira tem-se afirmado as bases e o precedente para que o espírito de intolerância e o abandono ao respeito à diversidade e à pluralidade anglicana, não somente no quês e referente a temas de orientação sexual, mas de qualquer assunto controvertido.

E retomando as idéias do Cônego Odén Marichal, poderíamos dizer que ninguém pense que Jeffery John ou Gene Robinson são os primeiros Bispos homossexuais nomeados e/ou sagrados. Talvez sejam os primeiros que admitiram publicamente sua orientação homossexual. E seria impossível dizer, nem sequer aproximadamente, quantos bispos, presbíteros e diáconos, gays ou lésbicas existem em nossa Comunhão Anglicana.

Poderia parecer, continua refletindo o Cônego Marichal, que para a Igreja o pecado não é que sejam homossexuais ou lésbicas, mas que o tenham admitido publicamente. Parece que o que ofende não é que sejam homossexuais, mas que falem que são. Então o assunto seria: mentir não é pecado, o pecado é dizer a verdade. Enquanto tudo esteja na penumbra do âmbito secreto não há problema: se eu não sei nada, nem outros sabem o que eu sei, não o sabe a Igreja, e não o sabe Deus.

Lambeth-1998 fala de não ordenar “pessoas que participem de uniões do mesmo sexo”, mas com relação a esta temática também é aguda a apreciação do Cônego Marichal: Vamos depor do ministério aos homossexuais e lésbicas que, já pelo temor de não ser ordenados, ou pela pressão da discriminação, ao tempo de sua ordenação não foi dito e formam hoje parte do ministério ativo da Igreja? Ou sabemos ou podemos imaginar-lo, mas indulgentemente ficamos calados, porque são nossos amigos e nossas amigas, ou são boas pessoas ou são muito capazes. Então, vamos deixar-lhes? E se fazemos isso, por que os que chegaram primeiro ocultando-o, sim, e os que não o ocultaram não? Valeu mais a ocultação que o fato da honestidade?

Certamente essas perguntas devem fazer-nos pensar seriamente até onde pode levar-nos a intolerância e a falta de visão. E poderíamos colocar muitas outras perguntas: Será que vamos afirmar uma dupla moral com relação ao assunto da orientação sexual? E que palavra pastoral teremos para com os gays e lésbicas que todos os domingos sentam-se nos bancos de nossas igrejas? Serão tratados como "os outros e as outras", "os estranhos e as estranhas", parte dos excluídos de hoje que Jesus em seu tempo teria convidado ao banquete do Reino (Mt 14,15-24)? O será também que vamos desatar uma “caça a bruxas” e agora também “caça a bruxos”, ao estilo dos processos de heresia da inquisição medieval?

Com relação a isto último, diz a teóloga norte-americana Rosemary Radford Ruether, que ainda que a heresia já não seja uma categoria oficial, as visões contemporâneas da homossexualidade ainda conservam grande parte dessa paranóia cristã clássica¹⁶.

Não devemos nos enganar - o assunto da homossexualidade é uma realidade, é um fato. Temos tanto no ministério ordenado como nos bancos das nossas congregações pessoas heterossexuais e homossexuais, mas todos e todas, juntos e juntas, somos Corpo de Cristo. E todas as partes do Corpo são dignas e merecem respeito e consideração. (1 Cor 12,12-30). Então, com as atitudes intolerantes, excludentes e marginalizastes, o que se pretende silenciar ou ignorar?

Ser cristãos anglicanos no começo do século XXI

Tem sido dito que não vivemos em uma época de mudanças, senão em uma mudança de época. Por um lado, nosso mundo cada vez é mais plural e diverso. Por outro lado, vemos a miséria, o sofrimento e a morte, a que a violência, as guerras e as estruturas socialmente injustas estão levando aos setores cada vez maiores da população mundial. A tudo isto se acrescenta a devastação da natureza, que ameaça a sobrevivência em nosso planeta para as futuras gerações e, como cristãos anglicanos devemos viver à altura dos novos tempos. No meio da violência generalizada, da globalização e da exclusão e a exploração, da devastação de nosso lar natural, as igrejas e as religiões em geral têm a responsabilidade de contribuir a desenvolver uma cultura de paz e solidariedade e reconciliação. Devemos primeiro aprender a viver essa cultura dentro de nós mesmos, evitando que a intolerância religiosa seja uma fonte de divisões, conflitos e exclusões na sociedade civil, afastando a atenção dos graves problemas que nos afetam.

A lição que como anglicanos devemos tirar de todo esse debate sobre a orientação sexual é que se faz urgente repensar nossa eclesiologia. Assim, devemos repensar o que significa “ser anglicano”, para recuperar o que em minha opinião poderia se perder: o espírito anglicano. Vamos pensar seriamente os grandes problemas da humanidade; deixemos que cada Província da nossa Comunhão assuma suas próprias opções, nesse caso, sobre a orientação sexual, tendo em conta suas características culturais, sem rejeitar-nos, nem excomungar-nos mutuamente.

Por isso, quando se quer afirmar a tendência à anatematização e à demonização "do outro e da outra", é preciso, nessa recuperação do "ser anglicano", que também recuperemos e assumamos em seu verdadeiro sentido uns de nossos mais apreciáveis princípios: “a via média anglicana”. Esse princípio, que tem sua origem no pensamento de Richard Hooker, é retomado no século XIX pelo Movimento de Oxford, no meio das graves e profundas tensões que passou a Igreja de Inglaterra, nas controvérsias entre as tendências protestantes e romanistas. E será a partir desse momento que a “via média anglicana” afirma-se como o princípio fundamental da unidade e da identidade anglicana.

¹⁶ Rosemary Radford Ruether, “Homofobia, heterossexismo y práctica pastoral”, em, La sexualidad y lo sagrado, Op. cit., p.585.

Mas a “via média anglicana” não é, como muitos anglicanos pensam, ser uma “igreja ponte”, porque o Movimento de Oxford reagiu tanto contra Roma como contra os protestantes puritanos. A “via média anglicana” não é uma vitrine para os de fora, nem para convencer aos outros que somos muito moderados, porque não podemos ser moderados para o exterior e extremistas em casa. A “via média” é um movimento para a unidade, porém, não é um compromisso para conciliar duas partes em discrepâncias, senão que é um método para compreender a diversidade dentro de nós mesmos, com respeito e ética; é ser mais amplos, flexíveis, respeitosos e éticos para com as outras pessoas e suas idéias¹⁷.

Finalmente quero terminar com uma anedota que resulta pertinente na temática que temos estado desenvolvendo.

Um homem ocidental estava colocando flores no túmulo de um parente, quando vê um chinês que estava colocando um prato de arroz no túmulo vizinho.

O homem ocidental perguntou para o chinês: “Você me desculpe senhor, você acredita que seu defunto vai chegar para comer o arroz”.

“Sim, respondeu o chinês quando o seu venha a cheirar suas flores”.

A moral da historia seria: Respeitar as opções do outro e da outra é uma das maiores virtudes que um ser humano pode ter. As pessoas são diferentes, atuam diferente e pensam diferente.

Não julgue... somente compreenda...

Publicado pela primeira vez sob o título: “Do not Judge... Only Comprehend: The Anglican Communion and the Human Sexuality”, em: *Other Voices Other Worlds. The Global Church Speaks Out on Homosexuality*, Terry Brown, ed. Darton, Longman and Todd Ltd., London, 2006, p.208-220.

Publicado em português sob o título: “Não julgue... somente compreenda – a Comunhão Anglicana e a sexualidade humana”, em: *Bíblia e Sexualidade – Abordagem teológica, pastoral e bíblica*, Carlos Eduardo Calvani, org. Fonte Editorial, São Paulo, 2010, p.301-319.

¹⁷ Véase “La vía media”, em, *Carta Pastoral*, Parroquia de Fieles a Jesús, Matanzas, Cuba, 28 de dezembro de 2003 e 4 de janeiro de 2004, (distribuída eletronicamente).